

X SALUFI 2024

Seminário dos alunos da Pós em Filosofia

CADERNO DE RESUMOS

02 a
05 de
dez

uff

X SEMINÁRIO DOS ALUNOS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFF

SALUFI-UFF

Comissão Organizadora

Ivana Denise Grehs

José Augusto Garcia

Letícia Conti Decarli

Lucas Gonçalves Palmier de Almeida

Nicole Beck Grehs Silva Maria

Ottávio de Azevedo Oliveira Rodrigues

Rodiny Santos Berçot Junior

Coordenação do Pós-Graduação em Filosofia da UFF

Coordenadora

Mariana de Toledo Barbosa

Secretária

Luciene Pacheco

SUMÁRIO

Conferências.....	4
-------------------	---

Sessões de Comunicação

Segunda-Feira - Filosofia Antiga e História da Filosofia.....	5
Terça-Feira - Ética e Política.....	5
Quarta-Feira - Estética.....	6
Quinta-Feira - Linguagem e Conhecimento.....	7

Resumos

Segunda, 2/12 - **Mesa 1**, 14h - 15h30:

O tato da terra: um estudo da <i>aisthesis</i> da terra nas <i>Enéadas</i> de Plotino.....	9
Prometeu Acorrentado: uma defesa da democracia.....	9
O sujeito Montaigne e a edição das suas Cartas Completas.....	10
O “ente predicamental” em João de Santo Tomás.....	10

Segunda, 2/12 - **Mesa 2**, 15h50 - 17h:

Sobre a tradição médica no <i>Filebo</i> de Platão.....	11
As mulheres na <i>Iliada</i> : uma investigação sexual-social.....	11
Errei! E agora? Considerações sobre a responsabilidade moral em Descartes.....	12

Terça, 3/12 - **Mesa 3**, 14h - 15h10:

Como fazer de Kant uma máquina cibernética.....	13
O problema do niilismo em Jacques Rancière.....	14
O <i>eu é um outro?</i> - Considerações sobre a noção de passado na perspectiva da presença em Sartre.....	14

Terça, 3/12 - **Mesa 4**, 15h30 - 16h20:

A relação entre ética e pedagogia na obra <i>Rumos da Educação</i> de Jacques Maritain.....	15
O modelo de crença espinosano.....	16

Terça, 3/12 - **Mesa 5**: 16h40- 17h30:

Ensaio sobre um futuro ancestral com os Iorubás e Ailton Krenak.....	17
A experiência metá-metá via passabilidade cis.....	17

Quarta, 4/12 - **Mesa 6**, 14h - 15h10:

Vaga Carne e o tornar-se negra: por uma epistemologia performativa.....	18
Performatividade e paródia: destituindo a fronteira entre <i>natureza</i> e cultura ou performances do <i>cú</i>	19
Coragem para Amar como princípio unificador de <i>Grande sertão: veredas</i> . O erro trágico de Riobaldo.....	19

Quarta, 4/12 - **Mesa 7**, 15h30 - 17h:

Medeia, de Eurípides, e o drama psicopatológico em Freud.....	20
Poesia concreta em Empédocles.....	21
Atividade e passividade nas <i>Cartas estéticas</i> de Schiller.....	21
Sobre o suposto problema do prometeísmo de Marx: como uma leitura ingênua do mito de Prometeu comprometeu a relação de Marx com Prometeu.....	22

Quarta, 4/12 - **Mesa 8**: 17h20 - 18h10:

Além do <i>clínamen</i> : expandindo o cânone do “materialismo do encontro” de Louis Althusser.....	23
Nietzsche e o significado da loucura na história da moralidade.....	23

Quinta, 5/12 - **Mesa 9**, 14h - 15h10:

Elementos Pragmáticos da Teoria dos Compromissos Ontológicos de Quine.....	24
As reflexões de Wittgenstein sobre a cultura a partir de Stanley Cavell.....	25
O Impasse Metodológico da Fenomenologia Genética.....	26

Quinta, 5/12 - **Mesa 10**, 15h30 - 17h:

Marie de Gournay Le Jars e sua tese para a união do gênero humano.....	26
O ingresso das mulheres na educação em comum no livro V da <i>República</i> de Platão.....	27
Feminismo e os limites da linguagem.....	28
Pensamento feminista entre história e experimentação.....	29

Quinta, 5/12 - **Mesa 11**: 17h20 - 18h30:

Simone Weil e a des-produção do real capitalista.....	29
Biopolítica e necropolítica na educação brasileira.....	30
Nancy Fraser e a crítica ao neoliberalismo progressista.....	30

CONFERÊNCIAS

Segunda-feira, 11h-12h30.

Alexandre Costa (UFF): “Pensando os nomes: Heráclito e Parmênides”

Terça-feira, 11h-12h30.

Fernando Moreira Zau (UFF) - “Uma retórica ao absurdo: reversionismo como estratégia de poder do racismo”

Quarta-feira, 11h-12h30.

Sílvia Faustino de Assis Saes (UFBA) - “A arte da ironia e o jogo da razão”

Quinta-feira, 11h-12h30.

Diogo Gurgel (UFF) - “Considerações filosóficas sobre esquemas e valores”

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES

SEGUNDA-FEIRA 02/12 (FILOSOFIA ANTIGA E HISTÓRIA DA FILOSOFIA)

Mesa 1: 14h-15h30

“O TATO DA TERRA: UM ESTUDO DA AISTHESIS DA TERRA NAS *ENÉADAS* DE PLOTINO” – João Víctor Kropf Garcia (UFF)

“PROMETEU ACORRENTADO: UMA DEFESA DA DEMOCRACIA” – Vinícius Bastos Ferreira Brantes Ribeiro (UERJ)

“O SUJEITO MONTAIGNE E A EDIÇÃO DAS SUAS CARTAS COMPLETAS” – Rafael Viegas (UFF)

“O ‘ENTE PREDICAMENTAL’ EM JOÃO DE SANTO TOMÁS” – Alfredo Venceslau Figueredo Morán (UFF)

Mesa 2: 15h50-17h:

“SOBRE A TRADIÇÃO MÉDICA NO *FILEBO* DE PLATÃO” – Beatriz Saar Leite (UFRJ)

“AS MULHERES NA *ILÍADA*: UMA INVESTIGAÇÃO SEXUAL-SOCIAL” – Carina Rocha (UFF)

“ERREI! E AGORA? CONSIDERAÇÕES SOBRE A RESPONSABILIDADE MORAL EM DESCARTES” – Daniele Pacheco do Nascimento (UFRJ)

TERÇA-FEIRA 03/12

(ÉTICA E POLÍTICA)

Mesa 3: 14h-15h10

“COMO FAZER DE KANT UMA MÁQUINA CIBERNÉTICA” – Nicolau Henrique Pereira da Silva Batista (UERJ)

“O PROBLEMA DO NIILISMO EM JACQUES RANCIÈRE” – Josué Bochi (UFF)

“O EU É UM OUTRO? – CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE PASSADO NA PERSPECTIVA DA PRESENÇA A SI EM SARTRE” – Lucas Gonçalves Palmier de Almeida (UFF)

Mesa 4: 15h30-16h20

“A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E PEDAGOGIA NA OBRA RUMOS DA EDUCAÇÃO DE JACQUES MARITAIN” – Josué Viana Barros (UFF)

”O MODELO DE CRENÇA ESPINOSANO” – Esdras Guedes da Cruz Silva (UERJ)

Mesa 5: 16h40-17h30

“ENSAIO SOBRE UM FUTURO ANCESTRAL COM OS YORUBÁS E AILTON KRENAK” – Guilherme Gonçalves de Brito (UERJ)

“A EXPERIÊNCIA “METÁ-METÁ” VIA PASSABILIDADE CIS” – Felipe Gali (UFF)

QUARTA-FEIRA 04/12

(ESTÉTICA)

Mesa 6: 14h-15h10

“VAGA CARNE E O TORNAR-SE NEGRA: POR UMA EPISTEMOLOGIA PERFORMATIVA” – Bruna Rodrigues Dias Testi (UFF)

“PERFORMATIVIDADE E PARÓDIA: DESTITUINDO A FRONTEIRA ENTRE *NATUREZA* E CULTURA OU PERFORMANCES DE *CÚ*” – Richard Roseno Pires (UERJ)

“CORAGEM PARA AMAR COMO PRINCÍPIO UNIFICADOR DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*. O ERRO TRÁGICO DE RIOBALDO” – Thiago Henriques da Mata Guimarães Corrêa (UFF)

Mesa 7: 15h30-17h

“MEDEIA, DE EURÍPEDES, E O DRAMA PSICOPATOLÓGICO EM FREUD” – Gabriel França Marcolino (UFF)

“POESIA CONCRETA EM EMPÉDOCLES” – Bias Busquet Guimarães (UFF)

“ATIVIDADE E PASSIVIDADE NAS *CARTAS ESTÉTICAS* DE SCHILLER” – Victor Hugo Braga Farias (UFF)

“SOBRE O SUPOSTO PROBLEMA DO PROMETEÍSMO DE MARX: COMO UMA LEITURA INGÊNUA DO MITO DE PROMETEU COMPROMETEU A RELAÇÃO DE MARX COM PROMETEU” – José Augusto Garcia (UFF)

Mesa 8: 17h20-18h10

“ALÉM DO *CLÍNAMEN*: EXPANDINDO O CÂNONE DO “MATERIALISMO DO ENCONTRO” DE LOUIS ALTHUSSER” – Felipe Melonio Leite (UFF)

“NIETZSCHE E O SIGNIFICADO DA LOUCURA NA HISTÓRIA DA MORALIDADE” – Pablo Castro Ribeiro (UFRJ)

QUINTA-FEIRA 05/12
(LINGUAGEM E CONHECIMENTO)

Mesa 9: 14h-15h10

“ELEMENTOS PRAGMÁTICOS DA TEORIA DOS COMPROMISSOS ONTOLÓGICOS DE QUINE” – Raphael Kreidelman Kale Torres (UFF)

“AS REFLEXÕES DE WITTGENSTEIN SOBRE A CULTURA A PARTIR DE STANLEY CAVELL” – Tiago Zürcher (UFF)

“O IMPASSE METODOLÓGICO DA FENOMENOLOGIA GENÉTICA” – Tássia Vianna de Carvalho (UFRJ)

Mesa 10: 15h30-17h

“MARIE DE GOURNAY LE JARS E SUA TESE PARA A UNIÃO DO GÊNERO HUMANO” – Milena Louise Liers (UFRJ)

“O INGRESSO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO EM COMUM DO LIVRO V DA *REPÚBLICA* DE PLATÃO” – Maria Clara de Almeida dos Santos (UFRJ)

“FEMINISMO E OS LIMITES DA LINGUAGEM” – Nicole Beck Grehs Silva Maria (UFF)

“PENSAMENTO FEMINISTA ENTRE HISTÓRIA E EXPERIMENTAÇÃO” – Letícia Conti Decarli (UFF)

Mesa 11: 17h20-18h30

“SIMONE WEIL E A DES-PRODUÇÃO DO REAL CAPITALISTA” – Guta Rufino (UFF)

“*BIOPOLÍTICA* E *NECROPOLÍTICA* NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA” – Sérgio Domingos Moreira (UFF)

“NANCY FRASER E A CRÍTICA AO NEOLIBERALISMO PROGRESSISTA” – Thiago Augusto Passos Bezerra (UFRJ)

RESUMOS

MESA 1

O TATO DA TERRA: UM ESTUDO DA *AISTHESIS* DA TERRA NAS *ENÉADAS* DE PLOTINO

João Vítor Kropf Garcia (UFF)

A noção de uma Terra táctil, quer dizer, da Terra como um ser vivo com o sentido do tato é bastante peculiar na Antiguidade e aparece na *Enéada* IV.4 [28]. 26 de Plotino. Outros seres equivalentes a ela em estatuto ontológico, como os astros, apesar de terem sentidos como a visão e audição, não têm tato. Para analisar as consequências desse problema, a comunicação será dividida em duas partes: a primeira será dedicada à exploração da percepção-sensível destes seres nas *Enéadas* e, a segunda, a algumas das concepções de tato em seres humanos e não-humanos na filosofia Antiga.

PROMETEU ACORRENTADO: UMA DEFESA DA DEMOCRACIA

Vinícius Bastos Ferreira Brantes Ribeiro (UERJ)

Na mitologia grega, Prometeu é um personagem ambíguo: ele não é propriamente um titã, na verdade ele é filho do Titã Jápeto, irmão de Cronos, por outro lado também não é uma divindade olímpica. Sendo e não sendo um titã, ele decide não combater contra Zeus, pelo contrário, aconselhou Zeus durante os combates. Prometeu é um aliado de Zeus, mas não um partidário: é autônomo, age por conta própria. Mas, de fato, é com a raça humana que Prometeu se identifica, pois assim como o pseudo titã, estes possuem uma natureza paradoxal: têm aspectos de divindade, mas também de animalidade. Ambos, Prometeu e os homens, estão desvinculados no mundo e surgirá desse encontro uma forte filiação.

Teseu unificou a Ática e governou Atenas através de um Conselho Geral onde os nobres podiam se reunir e tomar as decisões de modo coletivo. Os sucessores de Teseu continuaram a governar a cidade, mas o βασιλεύς (basileús) não exercia um grande poder, pois era apenas um entre nove arcontes nomeados anualmente. O lendário herói grego é considerado o fundador da

democracia por ter retirado o poder de decidir das mãos de uma só pessoa e colocá-lo entre um coletivo que terá a responsabilidade de decidir.

Contudo, frequentemente a democracia era ameaçada por algum golpe de um líder local que tentava tomar o poder. Eram pessoas ressentidas por não participarem do governo: Cílon, um vencedor das Olimpíadas, tentou por volta de 640 a.C. tomar o poder enquanto a atenção dos atenienses estava voltada para um festival religioso. O golpe fracassou. É nesse período histórico e nesse ambiente político que Ésquilo nasce e vive.

A proposta deste artigo é fazer uma leitura analítica da peça Prometeu Acorrentado, mas levar em conta o ambiente histórico e cultural em que o texto foi escrito, pois a hipótese aqui é que Ésquilo tenha sido marcado por essas diversas tentativas de se estabelecer uma tirania em Atenas.

O SUJEITO MONTAIGNE E A EDIÇÃO DAS SUAS CARTAS COMPLETAS

Rafael Viegas (UFF)

Nas últimas décadas, a compreensão dos *Ensaíos* vêm sendo matizada com a publicação de outros documentos direta ou indiretamente ligados a Montaigne: seu diário de viagem à Itália, as inscrições nas traves da sua biblioteca, seus *ex-libris* e as anotações marginais em seus livros, e tudo aquilo que poderíamos referenciar como o “Montaigne manuscrito”. Neste último caso, encontram-se as cartas autógrafas e idiógrafas que Montaigne escreveu ou ditou e que constituem talvez a parte mais propriamente pessoal de todos os seus escritos. Minha comunicação visa pontuar algumas questões a respeito do significado dos *Ensaíos* à luz dessa amostragem de documentos autógrafos.

O “ENTE PREDICAMENTAL” EM JOÃO DE SANTO TOMÁS

Alfredo Venceslau Figueredo Morán (UFF)

Na questão XIV da *Secunda Pars Artis Logicae* do *Curso Filosófico Tomístico*, João de Santo Tomás aborda o conceito de “ente predicamental”. Este conceito faz referência às dez categorias apresentadas por Aristóteles no primeiro livro do *Órganon*. Em cinco artigos, respectivamente, o filósofo de Lisboa investiga: “o que são os predicamentos, e o que é requerido para que algo esteja

em um predicamento”; “se o ente é unívoco ou análogo nos dez predicamentos”; “por qual analogia o ente é análogo”; “se o acidente é unívoco nos nove gêneros” e “se é adequada e boa a divisão em dez predicamentos”. Pretendemos, portanto, expor e estruturar a posição de João de Santo Tomás ao comentar às *Categorias* com base na filosofia de Tomás de Aquino.

MESA 2

SOBRE A TRADIÇÃO MÉDICA NO *FILEBO* DE PLATÃO

Beatriz Saar Leite (UFRJ)

Apesar da medicina ser a área que mais se dedicou ao estudo dos corpos dos seres vivos, deve-se salientar que não só os médicos se dedicaram a essa questão. Armelle Debru (2008, p. 263) demonstra que o estudo das principais funções dos seres vivos – como respiração, nutrição, reprodução, percepção, dentre outras – recebeu atenção de muitos pensadores gregos, entre eles Demócrito, Empédocles, Platão e Aristóteles, o qual, através de suas obras biológicas, trouxe contribuições fundamentais à área. No caso específico de Platão, desde Galeno, pelo menos, argumenta-se a importante influência da medicina em sua obra. Nesse sentido, o objetivo central desta apresentação é demonstrar os diferentes matizes pelos quais a tradição médica se apresenta no diálogo *Filebo* de Platão. Como veremos, uma herança central é a explicação fisiológica do prazer, que o aponta como uma espécie de “preenchimento” ou uma “restauração” a um estado anterior ou natural. A fim de melhor entender essa influência, iremos abordar autores hipocráticos como Pólibo, que em seu tratado *Doenças IV* apresenta uma concepção semelhante à desenvolvida no *Filebo*.

AS MULHERES NA *ILÍADA*: UMA INVESTIGAÇÃO SEXUAL-SOCIAL

Carina Rocha (UFF)

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas passagens da *Ilíada* de Homero que, direta ou indiretamente, representam as mulheres enquanto propriedade/objeto/mercadoria, ou seja, passagens que expõem a relação dos gêneros masculino e feminino, nas quais a mulher está

sempre submetida ao homem. Para dialogar com o poema, apresentarei a obra *O contrato sexual*, de Carole Pateman. Autora que debruçou-se sobre os escritos dos teóricos do contrato social, evidenciando a importância histórica e política que tiveram. Contudo, observou também que eles deixaram de lado a incorporação das mulheres e seus compromissos na sociedade civil. Sendo assim, de acordo com Pateman, o pacto original é tanto um contrato social como um contrato sexual, em suas palavras um pacto sexual-social. É um contrato sexual pois dá o direito político dos homens sobre as mulheres, estabelecendo acesso sistemático aos seus corpos. Dessa maneira, pretendo mostrar a influência que o poema homérico teve para a formação das sociedades modernas ocidentais e como a dominação dos homens sobre as mulheres esteve presente na *Iliada* e segue em vigor no “contrato sexual-social” na modernidade. O objetivo é apontar o poder que os homens exercem sobre as mulheres, a ordem patriarcal tanto da Grécia Antiga como dos dias atuais. Sempre investigando e relacionando como o legado da poesia homérica destaca-se, dentre diversos processos históricos, como um fator determinante para a formação da contemporaneidade.

ERREI! E AGORA? CONSIDERAÇÕES SOBRE A RESPONSABILIDADE MORAL EM DESCARTES

Daniele Pacheco do Nascimento (UFRJ)

No contexto que envolve as deliberações da vida prática, diferente de Aristóteles que compreende a ação como virtuosa, considerando o resultado (o fim) de um ato, Descartes avalia que a virtude envolve o caminho (o percurso deliberativo). Esse caminho é trilhado tendo como base uma boa educação (teoria) e também a regulação das paixões, mas as paixões precisam ser reguladas e não suprimidas, porque elas dão “valor” à vida. Desse modo, no que tange os julgamentos morais, o corpo e a alma são protagonistas. Assim, agimos moralmente com base no que conhecemos (o que envolve a epistemologia), mas em situações nas quais nossas percepções sensíveis influenciam a tomada de decisões. Ora, se nosso aparato epistemológico é finito, e se aprendemos à medida em que empregamos nossos juízos na busca do conhecimento, além disso, se temos conhecimento insuficiente em todas as situações da vida prática (SHAPIRO. In: BROUGHTON; CARRIERO, 2011, 445) e nossas paixões nos influenciam, é inevitável que o erro aconteça em diversos momentos no âmbito moral. Dentre tantos problemas aqui envolvidos,

nos questionamos: se a virtude não é uma garantia só para aquelas ou aqueles que "acertam" como se institui a noção de responsabilidade para Descartes?

MESA 3

COMO FAZER DE KANT UMA MÁQUINA CIBERNÉTICA

Nicolau Henrique Pereira da Silva Batista (UERJ)

Partindo da afirmação de Nick Land de que haveria uma correspondência entre Kant e o Capital, a comunicação se apresenta como uma espécie de programa que dispõe, passo a passo, a transformação da filosofia kantiana no sistema capitalista. Land toma como base o modelo do Capital desenvolvido n'*O anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, isto é, um vetor de desterritorialização do *socius* tendendo ao Corpo sem Órgãos, *locus* da produção desejante. A ponte com Kant já havia sido erguida, uma vez que a filosofia de Deleuze e Guattari é uma espécie de filosofia transcendental que imagina a produção como síntese. Assim, o trabalho de Land consiste em identificar os elementos do pensamento kantiano no Capital e destrinchar as modificações operadas pelos autores franceses. Além disso, Land toma emprestada a cibernética de Wiener e a aplica ao Capital, passando a entendê-lo como um circuito de retroalimentação positiva, isto é, um automatismo maquínico que reforça a si mesmo numa intensificação que é traduzida, no vocabulário conceitual de Deleuze e Guattari, como desterritorialização. Levando em conta os escritos de Land, identificamos três elementos da filosofia kantiana que aparecem modificados no Capital: a crítica, o transcendental e o Reino dos fins; suas contrapartes são, respectivamente, o processo de comoditização, o plano de imanência e o automatismo maquínico. Traçando todos estes movimentos, a comunicação os apresenta como um processo conjunto de ajustes de peças numa máquina.

O PROBLEMA DO NIILISMO EM JACQUES RANCIÈRE

Josué Bochi (UFF)

Na obra de Jacques Rancière, a palavra “niilismo” aparece antes como problema político do que como problema teórico, em seus diagnósticos de certo pensamento contemporâneo que, além de niilista, seria acometido pela melancolia e pelo ressentimento. Segundo essa perspectiva política, o contrário do niilismo não é o asseguramento do sentido das coisas e do mundo, e sim o entusiasmo revolucionário capaz de (re)colocar em pé de igualdade tudo o que se apresenta à nossa sensibilidade. Em geral, Rancière advogará contra o niilismo de maneira professoral, explicando o que entende como o verdadeiro sentido de revolução, desfazendo mal-entendidos sobre o sentido da política e da estética e mostrando como a melancolia de esquerda resguarda desnecessariamente um sentido de utopia que no fundo sempre significou a negação da política. Porém, um texto particular de Rancière, *O inconsciente estético*, talvez ofereça uma versão mais refinada – e problemática – de sua relação com o problema do niilismo. No ousado gesto de fazer de Freud um “aliado objetivo numa luta intransigente contra todas as formas de niilismo”, nas palavras de Solange Guénoun, Rancière reconhece que uma “entropia niilista” é consubstancial à própria racionalidade estética. Mas assim como não devemos sucumbir à entropia e à pulsão de morte, como talvez queira Schopenhauer, tampouco devemos atravessar heroicamente o niilismo à maneira de Nietzsche. O objetivo desta comunicação é sinalizar como Rancière ensaia uma terceira via para a resolução do problema e como esta questão se relaciona com sua filosofia como um todo.

O EU É UM OUTRO? – CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE PASSADO NA PERSPECTIVA DA PRESENÇA A SI EM SARTRE

Lucas Gonçalves Palmier de Almeida (UFF)

A presente comunicação irá debruçar-se sobre a noção de *passado* na perspectiva da *presença a si* segundo *O Ser e o Nada* (1943) de Jean-Paul Sartre. Para isso, dividiremos nossa comunicação em três momentos. No primeiro, compreenderemos o significado da noção de *presença a si* para Sartre. O que é *presença*? E o que é este *si*? Veremos que, sob a hipótese metafísica da negação originária, há uma fissura, um descolamento, no ser-Em-si. Acontece que essa negação é abortada e

o ser-Para-si fecha-se numa unidade que é dualidade sob a forma da *presença a si*. Em seguida, iremos expor a relação entre *presente* e *passado* nos *Cadernos de uma Guerra Estranha* (1939) sob a luz da noção de *responsabilidade*. Lá coloca-se uma questão: em que medida, na assunção de um erro passado, não se paga por um outro? Diz Sartre: “E se, diante dos outros, assumo a responsabilidade de meus atos [...] é com a impressão de pagar generosamente no lugar de um outro” (Sartre, 2005, p. 136). Por fim, finalmente iremos desenvolver a noção de *passado* na obra de 1943 na perspectiva da de *presença a si*. Veremos que o passado não tem caráter de coisa possuída, mas trata-se de um *modo de ser*: eu não *tenho* um passado, mas *sou* meu passado (ao modo de não sê-lo). Nesse sentido, a consciência, ou ser-Para-si, transcende seu passado rumo ao porvir. Ao fim desta comunicação poderemos constatar em que medida Sartre reafirmou ou se afastou, em 1943, da sua noção presente nos cadernos de 1939.

MESA 4

A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E PEDAGOGIA NA OBRA RUMOS DA EDUCAÇÃO DE JACQUES MARITAIN

Josué Viana Barros (UFF)

Essa comunicação irá apresentar a obra *Rumos da Educação* de Jacques Maritain. Dessa forma, a partir da perspectiva humanista integral do filósofo neotomista, a reflexão buscará discutir essa tendência pedagógica moderna pautada na ética humanista, no conceito de dignidade da pessoa humana, na ética das virtudes e no jusnaturalismo. Tais aspectos teóricos são notoriamente subsidiários de uma tradição aristotélico-tomista e empreendem uma consideração positiva sobre a capacidade racional do homem em descobrir e estabelecer preceitos éticos.

O filósofo combate um modelo educacional limitado à transmissão de conhecimentos técnicos e científicos, defendendo que o processo formativo integre e promova as dimensões intelectual, moral e espiritual do aluno. Nesse sentido, o ato pedagógico é inseparável da ética, pois visa o bem moral do ser humano e a formação de sua consciência. A tarefa do educador, portanto, é mediar os alunos para a verdade e o bem, promovendo sua autonomia moral e intelectual em função do bem comum e dos direitos humanos.

Tal noção se opõe a certo utilitarismo educacional, que limita a educação a um meio para fins puramente econômicos. Dessa forma, reafirma-se a necessidade de um ensino que valorize a busca da sabedoria e o desenvolvimento das virtudes. Para o filósofo, a educação deve formar não apenas profissionais competentes, mas seres humanos capazes de viver de acordo com princípios éticos universais, orientados pela verdade e pela justiça.

O MODELO DE CRENÇA ESPINOSANO

Esdras Guedes da Cruz Silva (UERJ)

Nas últimas décadas, a proliferação da desinformação e das fake news, bem como seus impactos sociocognitivos, tornou-se objeto de análise recorrente no debate acadêmico e público global. Numerosas questões requerem exame aprofundado: quão prejudicial é este fenômeno para o tecido social? De que maneira a desinformação influencia os indivíduos? Quais mecanismos cognitivos fundamentam nossas crenças? O problema central subjacente a estas questões reside na natureza das crenças: são elas suscetíveis de controle voluntário? De acordo com o modelo de crença de Espinosa, o ato de compreender uma proposição e conferir-lhe assentimento constituem um único processo cognitivo; a compreensão já implica o assentimento. Somente em um momento posterior, e sob condições epistêmicas específicas, o indivíduo pode revisar e eventualmente rejeitar uma crença previamente formada. No entanto, este processo de rejeição exige um esforço cognitivo adicional e não ocorre tão rapidamente quanto o assentimento inicial. Com base nestas considerações, a investigação propõe-se a examinar as seguintes questões centrais: (1) A credulidade constitui um processo automático inerente à cognição humana? (2) Quais são as implicações cognitivas e sociais dessa automaticidade na formação de crenças, especialmente no contexto da disseminação de desinformação?

MESA 5

ENSAIO SOBRE UM FUTURO ANCESTRAL COM OS YORUBÁS E AILTON

KRENAK

Guilherme Gonçalves de Brito (UERJ)

Escrever para quê? Escrever para quem? Num mundo cada vez mais imediatista, fugaz, fugidio, breve e de banhos rasos, com pressa por não viver, como e para quê escrever? Eu, fruto da amálgama de povos que não sei; dos originários de África, de Pindorama; de sangue aviltado por portugueses ou espanhóis; eu, que não sei minha origem, minha família, sequer o nome dos meus bisavós, sento-me numa cadeira da Academia, bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no privilégio que meus antepassados não tiveram mas conquistaram para mim; sento-me, logo percebendo que é preciso que na realidade eu me levante e seja a voz dos meus - ainda que eu não os possa individualmente nomear; sento-me e me questiono: o quê, como, para quê e para quem escrever? Como contagiar positivamente o pensamento daqueles que me lerão? Minha pesquisa é uma presunção. Não quero falar aos acadêmicos, à Cátedra, aos doutos e sábios. Quero alcançar meu povo e minha gente, embora ainda não saiba como fazê-lo. Apaixonei-me recentemente por uma cultura belíssima. Cheguei até o povo Yorubá através de meu mestre, o Babalorixá Síkírù Sàlámì, intermediado pela minha Iyalorixá Lourdes de Oyá Ajê, iniciando-me no Culto Tradicional deste povo em janeiro de 2024. Minha comunicação bebe da ancestralidade, do passado, do futuro e em como a Filosofia subalternizada brasileira e africana, pela Academia, pode contribuir para o pensar de uma sociedade e um futuro melhores.

A EXPERIÊNCIA “METÁ-METÁ” VIA PASSABILIDADE CIS

Felipe Gali (UFF)

O presente trabalho discute o conceito de “metá-metá”, que se refere a experiências de gênero que desafiam os binarismos tradicionais, inspirando-se na cultura yorubá. “Metá” significa “três”, e “metá-metá” sugere uma operação onde a soma de diferentes naturezas resulta em algo novo ($1+1=3$). A figura de Logun Edé, que incorpora elementos de seus pais, Oxum e Oxóssi, e pode se transformar entre masculinidade e feminilidade, serve como analogia para experiências de pessoas

trans, que também navegam por identidades de gênero não lineares. A hipótese levantada é de que as vivências de pessoas trans não seguem um caminho linear entre os gêneros e que a passabilidade cis pode funcionar como um "portal" da experiência metá-metá. Este trabalho propõe que essa perspectiva enriquece a compreensão das identidades de gênero fora dos binários tradicionais, sobretudo no Sul Global

MESA 6

VAGA CARNE E O TORNAR-SE NEGRA: POR UMA EPISTEMOLOGIA PERFORMATIVA

Bruna Rodrigues Dias Testi (UFF)

A presente proposta de comunicação tem como ponto de partida a peça *Vaga Carne*, da dramaturga belorizontina Grace Passô, assim como se debruça a investigar a possibilidade de pensarmos o conceito de performatividade de identidades, de Judith Butler, para a compreensão da experiência de negritude como ficção reiterada individual e coletivamente. A partir das análises da pesquisadora e psicanalista Isildinha Baptista Nogueira, em seu livro "A Cor do Inconsciente", somadas aos argumentos da também autora e pesquisadora da psicanálise Neusa Santos Souza, na obra *Tornar-se Negro*, busco reconstruir o conceito butleriano a partir da vivência da negritude no contexto brasileiro. Em *Vaga Carne*, acompanhamos o percurso de uma voz que, ao entrar no corpo de uma mulher negra, se percebe capturada e encarcerada por sua carne. Na peça em questão, a protagonista é a voz, o corpo negro apresenta-se como cenário, porém, aos poucos, este corpo revela-se como cárcere e como algoz. A partir desse objeto estético, me dedico às questões: Quão estreitas são as margens que comprimem a experiência da negritude? Quais mecanismos produzem os marcadores raciais? Como subtrair da raça o aspecto "essencial" e revelá-la como ficção que orienta dinâmicas de opressão? É possível argumentar a favor de uma performatividade de raça? E, como, a partir da performance no sentido teatral, podemos produzir rupturas nas dinâmicas que nos marcam, nos estruturam, nos subalternizam e nos oprimem?

PERFORMATIVIDADE E PARÓDIA: DESTITUINDO A FRONTEIRA ENTRE *NATUREZA* E CULTURA OU PERFORMANCES DE *CÚ*

Richard Roseno Pires (UERJ)

Judith Butler, na obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, sugere importantes rupturas com noções sedimentadas nos estudos de gênero, a saber: o sexo somente asseguraria a unidade política do feminismo enquanto um movimento universal pela coerência interna do sistema sexo-gênero-desejo ser garantida por uma inteligibilidade hétero compulsória. No centro desse fantasma humanista condicional ao *nós* feminista, estaria a pressuposição do sexo como atributo de natureza. Entretanto, com a performatividade butleriana, o sugeriremos como efeito de investidos altamente performativos que desejam naturalizar-se através de atos reinscritos que nunca cessam, e, como a necessidade de repetição denuncia, poderemos pensar a *falha* da maquinaria heterossexual como inerente ao seu funcionamento. Neste cenário da performance ritualista, o status de natureza pode ser lido como uma ficção altamente regulada e investida, que deseja ocupar o status de *natural*. Como dismantelar esta ontologia naturalizada do humano? Como evidenciar o sexo e seu caráter altamente cultural e performativo? Para este caminho, perpassaremos a crítica de Butler à dualidade metafísica do sexo e gênero, como também pelas rupturas com um movimento político que pressupõe um sujeito de ação e de finalidade de luta. Neste caminho sinuoso, levaremos às ruínas e à contradição a estabilidade do *sujeito* ao apostar na radicalidade política da paródia que ridiculariza o *originalnatural*.

CORAGEM PARA AMAR COMO PRINCÍPIO UNIFICADOR DE *GRANDE* *SERTÃO: VEREDAS. O ERRO TRÁGICO DE RIOBALDO*

Thiago Henriques da Mata Guimarães Corrêa (UFF)

Argumentarei a hipótese de que se é notório que o tema da coragem articula os demais temas da narrativa de Riobaldo, uma coragem mais específica, a coragem para amar, é o princípio unificador de *Grande sertão: veredas*, porque revela a pedagogia trágica que João Guimarães Rosa tensiona em seus leitores, se é verdade que o poeta almeja tanto instruir quanto deleitar.

Do ponto de vista da estória narrada por Riobaldo, a coragem tardou, mas não lhe faltou,

para enfim superar sua hesitação perante o Diabo e realizar um não-pacto nas Veredas Mortas, e, na sequência, superá-la novamente e tomar a liderança do tropel de jagunços. Seu erro trágico consistiu em se manter hesitante em relação a Diadorim e deixar de lhe declarar seu amor de modo a consumá-lo, por este ser vexatório ou proibido, devido a questões de gênero. Esta é uma falta de coragem capital, verdadeira hamartia, que pune o herói com uma existência lacônica e, por que não, balbuciante, em que fragmentos de memórias doces de seu bem-amado sempre o levam a lembranças amargas do desfecho trágico de sua vida. Riobaldo considera que a morte de Diadorim foi o último episódio de sua história e depois nada mais houve, embora homem de prestígio, rico e bem casado, no momento da narrativa. A perda de seu amor é como uma punição imposta por Satanás e conseqüente degredo de sua existência ao inferno. A mensagem de João Guimarães Rosa nesta alegoria sertaneja para seus leitores é transgeracional: carece de ter coragem para amar.

MESA 7

MEDEIA, DE EURÍPEDES, E O DRAMA PSICOPATOLÓGICO EM FREUD

Gabriel França Marcolino (UFF)

Este projeto pretende averiguar as possibilidades de avaliar a peça *Medeia*, de Eurípides, como um drama psicopatológico. Freud, no ensaio *Personagens psicopáticos no palco*, de 1905, elabora o conceito de drama psicopatológico como aquele no qual é exposto um conflito, geralmente no protagonista, entre um desejo consciente e um desejo inconsciente. Esse tipo de drama só geraria prazer em um público que se identificasse com o conflito neurótico ali apresentado, ao desenvolvê-lo em si próprio junto da personagem que o sofre. O exemplo lapidar dado no ensaio é *Hamlet*, de Shakespeare. Minha hipótese se direciona a demonstrar que podemos tomar a peça *Medeia*, encenada em 431 a.C., como um drama psicopatológico, de maneira que esta obra de Eurípides possa ser lida como antecedendo em mais de dois mil anos a novidade que Freud viu em *Hamlet*. A hipótese justificativa ainda em elaboração repousa na ideia de que a personagem de Medeia apresenta um desejo consciente, o de matar Jasão, em conflito com outro desejo que ela recalca, o amor pelo marido que a traiu.

POESIA CONCRETA EM EMPÉDOCLES

Bias Busquet Guimarães (UFF)

A poesia concreta se formou como um movimento consciente a partir do fim do século 19, quando determinados escritores inovaram formalmente em relação à história da literatura, tais como Mallarmé, Joyce, Pound, Cummings e Apollinaire. Além disso, João Cabral e Oswald de Andrade foram importantes escritores brasileiros cientes desse processo literário inovador, que viria a culminar no advento do movimento poético concretista. Esse movimento foi elaborado teoricamente e assumido em formas de manifestos por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari (o trio Noigandres), na década de 50 no Brasil.

Assim, a proposta deste trabalho é aproximar o poema do filósofo pré-socrático Empédocles com a teoria da poesia concreta concebida pelo trio Noigandres. Essa aproximação se mostra minimamente pertinente à crítica filosófica, na medida em que Empédocles, consciente ou não, parece ter adotado procedimentos artísticos do concretismo na expressão da sua filosofia em forma de poema. De modo que seu poema parece constituir-se a partir de uma “fisiognomia acústico-vocal-visual dos elementos lingüísticos, campo gráfico como fator de estruturação espaço-temporal (ritmo orgânico), constelações semânticas precipitadas em cadeia e consideradas simplesmente do ponto-de-vista do material, em pé de igualdade com os restantes elementos de composição” (Campos, 1975, p. 21).

ATIVIDADE E PASSIVIDADE NAS *CARTAS ESTÉTICAS* DE SCHILLER

Victor Hugo Braga Farias (UFF)

Na segunda parte das *Cartas sobre educação estética*, Friedrich Schiller desenvolve o cerne de sua célebre teoria dos impulsos. No decorrer da exposição desta teoria, o filósofo alemão introduz dois conceitos indispensáveis para compreendê-la: pessoa [*Person*] e estado [*Zustand*]. Schiller define estes conceitos como correspondentes à máxima abstração que a razão pode alcançar. Desta maneira, tudo o que há no ânimo se resume a algo que perdura, denominado de pessoa, e a algo que muda, ou estado. Estes dois conceitos fundamentam, respectivamente, os impulsos formal e

material e são associados, também respectivamente, à atividade e à passividade. A terceira parte das *Cartas* propõe um retorno à análise histórica feita na primeira parte, o que não se cumpre completamente, já que Schiller permanece em um âmbito mais voltado para uma abordagem transcendental – característica da segunda parte da obra – da educação estética como resolução de uma presumida cisão do ânimo. Todavia, essa parte das *Cartas* comporta uma genealogia do ser humano que, por sua vez, possui familiaridade com a análise histórica do ser humano que compõe as primeiras cartas. Nessa genealogia, Schiller expõe que há no ser humano dois estados de determinabilidade, ativo e passivo, assim como dois estados de determinação, também ativo e passivo. A presente comunicação busca elaborar uma análise da atividade e da passividade nas *Cartas* por meio do estudo dos conceitos de pessoa, estado, determinação e determinabilidade.

SOBRE O SUPOSTO PROBLEMA DO PROMETEÍSMO DE MARX: COMO UMA LEITURA INGÊNUA DO MITO DE PROMETEU COMPROMETEU A RELAÇÃO DE MARX COM PROMETEU

José Augusto Garcia (UFF)

Esta apresentação visa a, inicialmente, discorrer sobre uma discussão que há algumas décadas ocorre entre alguns autores marxistas ligados ao ecossocialismo, a saber, sobre a crítica a um suposto prometeísmo de Marx, que se utiliza de tal termo para tecer ataques ao mouro por uma suposta defesa e aceitação da exploração da natureza pela técnica, chegando a ponto inclusive deste prometeísmo ser lido como um sinônimo de hiperindustrialismo. Tomando o panorama histórico desta discussão registrado por Kohei Saito (em sua tese de doutorado de 2017, *Natur gegen Kapital: Marx' Ökologie in seiner unvollendeten Kritik des Kapitalismus*’, tornada livro em 2018, *Karl Marx's Ecosocialism: Capitalism, Nature, and the Unfinished Critique of Political Economy*, e traduzida para o português em 2021, *O ecossocialismo de Karl Marx*), será realizada uma minuciosa análise dos motivos pelos quais tais ataques ao Marx foram feitos, além de ir até os exatos momentos da obra do mouro que sofreram essa crítica de prometeísmo para mostrar não apenas os problemas que surgem ao utilizar tal termo, mas também os problemas inerentes à própria leitura feita dos trechos supostamente hiperindustrialistas. Por fim, a apresentação gostaria de ressaltar que apesar de Saito tentar salvar Marx de tal crítica de prometeísmo, esforçando-se para afastar tais ataques, ele

acaba relegando ao completo esquecimento a relação efetiva que Marx cultivou durante toda sua vida com a figura de Prometeu.

MESA 8

ALÉM DO *CLÍNAMEN*: EXPANDINDO O CÂNONE DO “MATERIALISMO DO ENCONTRO” DE LOUIS ALTHUSSER

Felipe Melonio Leite (UFF)

O presente artigo, baseado em pesquisa realizada nos arquivos de Althusser no Irec-Caen-França, buscou se contrapor a duas leituras comuns acerca da última fase do autor. A primeira é que afirma uma ruptura epistemológica completa perante sua obra anterior e a segunda a que observa um abandono completo da dialética. Acessamos, para tal, textos não publicados. Encontramos, ao lado de uma conceituação heraclitiana da dialética, uma expansão do cânone, já célebre, presente no texto de 1982. Althusser, constatamos, inclui em sua leitura do encontro correntes que vão além do Epicurismo fundador, precisamente, o fazer sofista, a filosofia da vida e o Hereclatismo.

NIETZSCHE E O SIGNIFICADO DA LOUCURA NA HISTÓRIA DA MORALIDADE

Pablo Castro Ribeiro (UFRJ)

O objetivo do presente trabalho é analisar e discutir a seção 14 de "Aurora", obra publicada por Nietzsche em 1881, a fim de compreendermos a questão da loucura na história da moralidade, especialmente produção de novas ideias e valores que, segundo o filósofo, rompem com a moralidade tradicional. Na seção intitulada "Significação da loucura na história da moralidade" Nietzsche busca mostrar como, ao longo dos séculos, a loucura foi vista como um fenômeno necessário para a quebra de costumes enraizados e a criação de novas formas de pensar e agir. De acordo com ele, a "moralidade do costume" é responsável por impossibilitar a inovação, uma vez

que ela domina e controla as formas de agir e pensar dos indivíduos, mas a loucura, por outro lado, foi responsável por tornar possível novas invenções, independente de juízo moral de valor.

Nietzsche reconhece que, em sociedades antigas, tais como a Grécia, a Groelândia, o Brasil e outros países da Europa, a loucura era frequentemente associada ao divino, sendo vista como um sinal de que a pessoa estava em contato com forças transcendentais e moralmente superiores. Era justamente isso que proporciona uma legitimação para o louco, que era na maioria das vezes tratado como profeta ou visionário. A loucura, com suas manifestações imprevisíveis e assustadoras – o medo e o terror - era entendida como algo que transcendia a vontade humana, o que dava ao portador de novas ideias uma reverência especial, afastando-o da culpa por desafiar normas vigentes. Além disso, Nietzsche destaca e argumenta que muitos inovadores da religião, da poesia e até da política, especialmente em épocas em que não eram realmente loucos, optavam por simular a loucura como uma estratégia para serem ouvidos e aceitos. Ele menciona exemplos históricos de indivíduos que, em diferentes culturas, adotaram práticas como o jejum e o isolamento extremo para alcançar estados alterados de consciência e, assim, legitimarem suas ideias.

Em síntese, nosso objetivo é destacar a relação entre loucura e inovação moral e cultural, apresentado que, no pensamento de Nietzsche, a loucura desempenhou um papel fundamental na história da moralidade, sendo um canal através do qual a ruptura com a moralidade tradicional foi possível.

MESA 9

ELEMENTOS PRAGMÁTICOS DA TEORIA DOS COMPROMISSOS ONTOLÓGICOS DE QUINE

Raphael Kreidelman Kale Torres (UFF)

Segundo Quine, compromissos ontológicos são os objetos que devem servir como valores das variáveis das sentenças de uma teoria para que ela seja verdadeira. Para identificarmos os compromissos ontológicos de uma teoria, devemos observar as variáveis quantificadas de suas sentenças. Portanto, devemos admitir a existência dos objetos que servem como valores das

variáveis das teorias que aceitamos como verdadeiras. A teoria de Quine sobre compromissos ontológicos é assumida pela maioria dos pesquisadores como uma teoria estritamente semântica; entretanto, também possui uma parte pragmática implícita que afirma que os únicos atos ilocucionários geradores de compromissos ontológicos são as asserções. Sendo assim, o objetivo desta comunicação é defender a existência de uma dimensão pragmática e reconstruí-la. Num primeiro momento, apresentarei a parte semântica da teoria a partir de seus elementos essenciais. Começarei com a exposição do conceito semântico de compromisso ontológico e sua íntima relação com condições de verdade realistas. A partir disso, introduzirei o conceito de existência quineana. Em seguida, reconstruiremos a concepção linguística de teorias defendida por Quine e suas peculiaridades. Por último, a partir de tudo que foi exposto, argumentarei a favor do reconhecimento da parte pragmática da teoria e, em seguida, a reconstruirei.

AS REFLEXÕES DE WITTGENSTEIN SOBRE A CULTURA A PARTIR DE STANLEY CAVELL

Tiago Zürcher (UFF)

Há uma filosofia da cultura em Wittgenstein? Onde e como ela se construiu ao longo da obra do autor? São essas as principais perguntas que guiam Stanley Cavell em seu ensaio “Declining Decline”, inicialmente uma conferência ministrada no ano de 1986 na Noruega. Pretendo, na comunicação proposta, explorar o ensaio de Cavell tanto no seu sentido exegético quanto propriamente filosófico. Isto é, por um lado serão apresentados e discutidos os compromissos exegéticos de Cavell frente à obra de Wittgenstein – reconhecidos, pelo próprio autor, como dissidentes se comparados às interpretações tradicionais do filósofo austríaco; por outro lado, e de forma mais pormenorizada, serão expostos e debatidos os principais pontos da interpretação cavelliana de Wittgenstein. Segundo o filósofo estadunidense, haveria na filosofia de Wittgenstein, para além da já reconhecida e extensamente comentada análise da linguagem e do significado, uma reflexão mais profunda acerca da cultura. Nesse sentido, Cavell defende que a luta de Wittgenstein contra a tradição metafísica e contra um certo ceticismo radical representa uma luta contra uma cultura de isolamento e solipsismo que, em última instância, tem como objetivo negar ou confrontar a própria condição humana de incerteza, temporalidade e coletividade.

O IMPASSE METODOLÓGICO DA FENOMENOLOGIA GENÉTICA

Tássia Vianna de Carvalho (UFRJ)

A fenomenologia surge com a tarefa de realizar uma descrição dos atos conscientes em correlação necessária a seus objetos. Tal tarefa, metodologicamente, é norteadada pelo *princípio de todos os princípios*, i.e., “*tudo que nos é oferecido originariamente na intuição [...] deve ser simplesmente tomado tal como ele se dá, mas também apenas nos limites dentro dos quais ele se dá*” (Husserl, 2016, p. 69, §24).

No desdobramento do percurso na direção de sua fenomenologia genética, Husserl nos revela o processo constitutivo multinível através do qual a consciência se constitui, ao constituir o objeto a ela imanente. Tal investigação se debruça sobre a gênese da constituição do objeto, anteriormente a todo ato apreensivo objetivante; de modo que tal processo é responsável pela formação pré-objetual – ainda que não objetiva *stricto sensu*.

Deste modo, para que tal processo genético possa ser o princípio de toda constituição, é necessário que seja *constitutiva*, e não *constituída* – caso contrário, requereria outro nível anterior que a constituísse. No entanto, todo ato apreensivo a ela dirigido a revela como uma formação objetual já constituída, i.e., a partir de certa modificação operada pelo ato reflexivo.

Portanto: uma investigação fenomenológica de teor genético requereria uma reformulação do princípio de todos os princípios, ou deveria abandonar seus pressupostos metodológicos iniciais, renegando sua origem estritamente *descritiva*? Tais questões nortearão nossa exposição.

MESA 10

MARIE DE GOURNAY LE JARS E SUA TESE PARA A UNIÃO DO GÊNERO HUMANO

Milena Louise Liers (UFRJ)

Marie de Gournay foi uma filósofa francesa renascentista e moderna. Pesquisadora e estudiosa autodidata, Gournay aprendeu línguas e descartou o casamento. Com o decorrer do

tempo, Gournay se muda para Paris para trabalhar como editora e viver com pensões modestas que recebia dos reis como intelectual da corte. Gournay torna-se uma amiga próxima do filósofo célebre Montaigne até o fim da vida dele, a filósofa fica conhecida após a morte do mesmo ao assinar um romance se nomeando como sua “*fille d’alliance*”. Após esse acontecimento, a família do filósofo confia à Gournay sua última edição dos *Ensaíos III*, fato que faz com que seu nome se torne cada vez mais celebre entre seus contemporâneos. Em minha apresentação, pretendo discutir as críticas de Gournay aos problemas da hierarquia de gênero discutidos na sociedade francesa durante o término do renascimento e o início da modernidade.

A discussão sobre a questão da natureza feminina, nesse momento, é conhecida como *querelle de femmes*, em meio a esse debate social, Gournay publica *Égalité des hommes et des femmes*. Livro reeditado algumas vezes para acréscimo de alguns trechos e apresentado pela filósofa como um discurso da razão. Na presente apresentação, irei discutir a primeira versão desse texto, publicada em 1622, na qual, Gournay introduz seu argumento contrário a hierarquia de gênero. E a favor da igualdade entre os gêneros, ao passo que compreende que não há diferenças entre homens e mulheres no que tange a alma humana, e por isso, ambos os gêneros precisam ter os mesmos direitos sociais assegurados. Para discutir essa questão, filósofa retoma argumentos conhecidos como misóginos de filósofos antigos, argumentos bíblicos e eclesiásticos com o objetivo de observá-los de um outro ponto de vista. A partir da releitura dessas figuras importantes, Gournay pretende desfazer as hierarquias de gênero, isto é, ela demonstra que não há dualismo de gênero. Com esse argumento em mente, pretendo sustentar que Marie de Gournay está defendendo a junção do gênero humano.

O INGRESSO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO EM COMUM DO LIVRO V DA *REPÚBLICA DE PLATÃO*

Maria Clara de Almeida dos Santos (UFRJ)

A pesquisa tem por objetivo apresentar os argumentos que permeiam o livro V da obra *A República* de Platão, tendo como recorte específico a passagem da chamada Primeira Onda compreendida nos passos 449a até 457c. Buscando destrinchar os problemas levantados em cada tese do argumento dos cães de guarda, que atesta a necessidade de uma educação em comum entre homens e mulheres,

através da defesa de uma mesma natureza para ambos os sexos, como um critério de distinção. Trazer as vozes de outros estudiosos especialistas em Platão para enriquecer o debate e fomentar outras perspectivas sobre o assunto, a saber: o papel das mulheres na cidade ideal e seu ingresso na classe dos guardiões. Percorrer a construção argumentativa que atesta a participação das mulheres nas mesmas tarefas e funções que os homens. Entender em que medida Platão foi um progressista por defender uma igualdade de tratamento das mulheres em relação aos homens ou se ele permaneceu como um típico filósofo do seu tempo (Período Clássico século IV a.C), reforçando estereótipos de gênero. Tomar parte de um debate qualificado sobre o assunto buscando evidenciar a raiz dos argumentos e suas implicações para a defesa da República que Platão estava criando.

FEMINISMO E OS LIMITES DA LINGUAGEM

Nicole Beck Grehs Silva Maria (UFF)

Esta comunicação possui o objetivo de apresentar uma das relações que podem ser rastreadas entre a crise do conceito de conceito na tradição filosófica, que marca a segunda metade do século XX, e a crise do conceito de mulher, que se instaura na década de 1990 a partir das reflexões da terceira onda do movimento político feminista. Pretende-se elaborar a ideia de que a crise teórica da noção de que há uma coletividade homogênea, um grupo pelo qual luta o movimento feminista, está relacionada à aderência aos pressupostos da concepção clássica de conceito, que foi fortemente questionada na filosofia da linguagem a partir da década de 1950. Argumentaremos que ambas as crises, que assolam estudiosos da linguagem e teóricas feministas, têm como uma de suas origens a ideia de que um conceito é exprimível em definições cabais ou exaustivas. Como antídoto, proporemos uma concepção de conceito que possui como lastro o uso das palavras, e permite manter a utilização da categoria das mulheres como ferramenta da análise feminista. Assim, não nos comprometeremos com a ideia de que deve haver uma característica definidora em comum entre todas as pessoas que chamamos de “mulheres” (caso contrário, cairíamos na constatação de que é impossível fazer qualquer reivindicação em nome das mulheres, uma vez que não poderíamos determinar quem é “a mulher”). Serão utilizados como base os textos *Investigações Filosóficas*, de Ludwig Wittgenstein; e *Feminism and the Abyss of Freedom*, de Linda Zerilli.

PENSAMENTO FEMINISTA ENTRE HISTÓRIA E EXPERIMENTAÇÃO

Letícia Conti Decarli (UFF)

Uma das questões mais ressaltadas quando se fala de terceira onda do feminismo é a crítica à universalização do sujeito do feminismo “as mulheres”. Frequentemente fundamentada a partir do que chamamos “efeito excludente”, tal crítica acentua o risco do uso universalizante desse sujeito histórico de promover a exclusão tanto de mulheres que não se encaixam em uma determinada definição de mulher, quanto daqueles que se afirmam de outras identidades de gênero que excedem a dualidade “homem/mulher” construída pelo patriarcado. Assim, observamos, com a chamada terceira onda, uma mutação das próprias fronteiras do feminismo, caracterizada pela reflexão acerca dos limites de seu sujeito histórico.

Todavia, propomos que o efeito excludente e a posição crítica perante os feminismos precedentes não são fatores centrais para caracterizar esse momento de mutação das fronteiras do feminismo observado a partir dos anos 1990. Esta comunicação pretende explicar uma leitura proposta pela nossa tese em andamento, onde buscamos compreender o movimento de desestabilização do sujeito “mulheres” a partir de outro risco que ultrapassa o efeito excludente: aquele que Nietzsche chamou de excesso de história. Investigaremos uma certa relação entre história e pensamento na política da experimentação proposta por Paul Preciado que lança um desafio de criação de novas possibilidades de vida, e não apenas de reconhecimento das categorias históricas que nos delimitam.

MESA 11

SIMONE WEIL E A DES-PRODUÇÃO DO REAL CAPITALISTA

Guta Rufino (UFF)

Simone Weil possui o conceito de *desapego* (*détachement*), que é um desejo puro sem apego, de objeto vazio. Em *O peso e a graça*, Weil descreve este apego como a realidade do mundo produzida por nós, pelo eu, que não diz da realidade exterior. Esta experiência está relacionada

também à ideia de descreção, que seria o ato de tornar algo criado "incriado". Weil compara a descreção com o exílio, sendo este social e político. Em *Opressão e Liberdade*, ela desenvolve uma crítica da ideia de produção tanto no capitalismo quanto no marxismo da época. Os meios de produção produzem uma lógica de domínio e propriedade entre quem compra e quem vende a força de trabalho. A ideia de forças produtivas, segundo Weil, é um mito da literatura socialista com um aspecto religioso de crença em uma providência que atravessa a atividade humana, a crença no progresso. O mistério da produção atordoa a mente dos trabalhadores, pois não levam a compreensão da verdade e do poder totalitário que rege a sociedade, sendo então um absurdo. O desapego é, justamente, um vazio, sem produção, afastar de si a crença da providência ou qualquer consolação religiosa. A descreção do indivíduo tem um sentido espiritual, mas também é se exilar dessa lógica produtiva, se recusar a participar dela, não se submeter aos mistérios do poder na vida social e, assim, comprometer em alguma medida a produção capitalista do real.

BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Sérgio Domingos Moreira (UFF)

A presente comunicação pretende tomar os conceitos de *biopolítica*, em Michel Foucault, e de *necropolítica*, em Achille Mbembe, para lançar luzes sobre suas relações no Brasil com o controle dos corpos e com a produção de subjetividades no que tange à educação básica pública.

NANCY FRASER E A CRÍTICA AO NEOLIBERALISMO PROGRESSISTA

Thiago Augusto Passos Bezerra (UFRJ)

Nessa comunicação meu propósito é discutir a análise e a crítica que a filósofa americana Nancy Fraser realiza sobre o que ela próprio conceituou como neoliberalismo progressista. O objetivo é apresentar este conceito à luz das circunstâncias políticas e sociais nas quais ele de fato ocorre. A partir da teoria crítica da sociedade, Fraser oferece uma abordagem dualista sobre nossas demandas de justiça social, já que consistem em demandas de reconhecimento e de redistribuição. Portanto, a filósofa argumenta contra a suposta dicotomia entre pautas econômicas e pautas socioculturais, sendo ambas então igualmente legítimas e diretamente relacionadas. Argumento

que não obstante o neoliberalismo progressista pretenda solucionar o célebre dilema entre liberdade e igualdade, ele o faz de maneira equivocada, uma vez que ao se colocar ideologicamente como alternativa ao Estado Social, munido de um discurso pretensiosamente moderno, ele na verdade aprofunda esse dilema. Ao incorporar com sucesso elementos importantes de pautas progressistas na sociedade individualiza o debate público e assim esvazia as reivindicações de justiça social. Insisto que esse é um falso dilema, a despeito do fracasso do neoliberalismo, e defendo que a teoria da democracia de Fraser é capaz de mostrar que liberdade e igualdade estão implicados de tal maneira que não é possível satisfazer a exigência de um sem o outro, o que gera uma tensão dentro do próprio liberalismo a fim de manter a sua coerência interna.